

A EDUCAÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA: UM ESTUDO NO ACAMPAMENTO “TERRA CABANA” DO PARÁ

Adriane Giugni da Silva¹, Beatriz da Silva Cavalcanti², Evelyn T. Abreu de Oliveira², Laura A. S. X. Ponte³

1. Doutora em Educação/UNICAMP; Líder-Coordenadora do GPPEIS/UEPA.

2. Graduandas em Ciências Sociais/UFPA.

3. Doutora pelo PPGDSTP-NAEA/UFPA; membro do GPPEIS/UEPA; Orientadora.

Resumo:

A presente pesquisa, desenvolvida em um acampamento do movimento dos trabalhadores rurais sem terra, denominado “Terra Cabana”, situado no Município de Benevides, no Estado do Pará, objetivou examinar o modo como os sujeitos do acampamento compreendem a educação dominante, fruto do sistema oficial de ensino capitalista, e o modo como se desenvolve a educação no acampamento, a partir das experiências dos próprios acampados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, subsidiada em pesquisas bibliográficas e de campo, cujas técnicas para a coleta de dados foram a observação direta e entrevistas. Como resultado, em razão da impossibilidade de desenvolverem uma pedagogia fundamentada em seus interesses ideológicos, a escola oficial de educação formal é admitida, a despeito de considerarem a necessidade de um planejamento educacional pedagógico e filosófico a partir de suas próprias experiências, centrado na construção de uma identidade social e afirmação das subjetividades do movimento.

Autorização legal:

Esta pesquisa cumpriu todos os procedimentos metodológicos e éticos exigidos pelo CEP/CONEP, presentes na Resolução Nº 510, de 07 abril 2016.

Palavras-chave: Educação do MST; Pedagogia do movimento; Identidade do MST.

Introdução:

A presente pesquisa trata de um estudo descritivo realizado em um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), denominado “Terra Cabana”, localizado no bairro Paricatuba, pertencente ao Município de Benevides, no Estado do Pará, na área metropolitana de Belém. O Movimento dos Sem Terra usou este tipo de ocupação, em área metropolitana, como estratégia do movimento.

Dada a especificidade das pessoas que residem em situações consideradas irregulares, como as do acampamento Terra Cabana, que possuem projeto próprio de vida e trabalho, resultando em formas de vida diferenciadas, pois constroem e se organizam socialmente de acordo com suas concepções ideológicas, buscou-se compreender como os acampados apreendem a educação dos seus filhos em escolas do sistema de ensino oficial, pois esta se constitui como a realidade dos referidos acampados. Assim, elencou-se o questionamento que norteou a presente pesquisa, qual seja: A ideologia capitalista ensinada nas escolas regulares, frequentadas pelos alunos e alunas que fazem parte do movimento MST, denominado acampamento “Terra Cabana”, entra em conflito com a ideologia dos acampados?

Mediante essa questão norteadora, esta pesquisa objetivou examinar o modo como os sujeitos do acampamento compreendem a educação dominante, fruto do sistema oficial de ensino capitalista, e o modo como se desenvolve a educação no acampamento, a partir das experiências dos próprios acampados.

Metodologia:

O presente estudo constitui-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, descritiva, na qual se procedeu a investigação dividida em dois momentos: no primeiro, realizou-se o aprofundamento teórico, que fundamentou a pesquisa. No segundo, procedeu-se à pesquisa de campo, na qual se obteve informações e conhecimentos acerca do problema pesquisado (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). A revisão da literatura, com base em pesquisas bibliográficas e documentais acerca do assunto, foi fundamental à pesquisa de campo, uma vez que esta, conforme assinala Oliveira (2000), trata-se de um instrumento necessário, nas ciências sociais, à compreensão da realidade social, tornando-se imprescindível à apreensão da realidade objetiva concreta, dos fenômenos sociais presentes no contexto social. Como assinala Oliveira, tais procedimentos de apreensão da realidade favorecem o trabalho do antropólogo e contribuem para a formulação da teoria social.

No caminho de construção da pesquisa, segundo DA MATTA (1978) existem três momentos, isto é, o primeiro corresponde ao que acontece anteriormente à pesquisa de campo (pesquisa bibliográfica e revisão da literatura); o segundo ao momento da pesquisa propriamente dita (pesquisa de campo) e o terceiro relativo ao momento da escrita e da reflexão sobre a pesquisa (análise dos dados coletados, cruzamento dos dados e elaboração do relatório da pesquisa).

O processo de revisão da literatura (primeiro momento da pesquisa) se deu por meio de estudos nos Cadernos de Educação, organizados pelo MST, relacionados aos temas: “Alfabetização”, “Como fazer a escola que queremos: o planejamento”, “Educação da Infância Sem Terra: orientações para o trabalho de base”, “Jogos e Brincadeiras Infantis”, “Princípios da Educação no MST”, “Como fazemos a escola de educação fundamental”, “Cadernos de Educação Infantil” e outros, com a finalidade de apreender os conceitos

relacionados à educação que são aplicados nos acampamentos e assentamentos do movimento. Esse processo, efetivado ao longo da pesquisa, constituiu-se como eficiente à apropriação de conhecimentos teórico-filosóficos por parte das alunas colaboradoras da pesquisa.

Como instrumentos de coleta de dados, na pesquisa de campo (segundo momento), utilizaram-se as técnicas de observação direta e entrevistas, aplicados aos representantes do acampamento e outros envolvidos com a educação das crianças “sem terrinha” (como são chamadas as crianças que moram nos acampamentos MST), os quais forneceram informações sobre o investigado, que cruzadas às observações diretas permitiram as análises e comparações efetivadas acerca do investigado, além da elaboração do relatório da pesquisa (terceiro momento). Selecionaram-se sete membros do acampamento para a realização das entrevistas e um membro da direção regional nordestina do MST, além de alguns membros das famílias que vivem atualmente no acampamento. Neste contexto, as técnicas utilizadas na pesquisa, observação direta e entrevistas, introduziram o fazer etnográfico, mediante diálogos informais sobre as experiências da coordenação e dos acampados do “Terra Cabana”.

Ressalta-se que no decorrer desta pesquisa ocorreram algumas dificuldades, ocasionadas por condições adversas, tais como: resistência de alguns interlocutores em informar e responder o roteiro pré-elaborado de questões; desinteresse ou receio em informar a realidade; entre outras. Segundo Martins (2009:15) essas dificuldades são ocasionadas em razão de o pesquisador ser visto com desconfiança, isto porque na relação entre o “nós” e os “outros” o pesquisador é sempre um estranho, e “todo estranho é um inimigo”.

Resultados e Discussão:

O acampamento “Terra Cabana” foi ocupado pelos seus moradores atuais a 26 de junho de 2015. O local pertencia a um proprietário, que em decorrência de dívidas com um banco teve confiscada a sua propriedade. A disputa jurídica pela terra continua, seguindo os trâmites legais cabíveis. Ao longo desse período houve várias tentativas de reintegração de posse, entretanto os acampados resistiram ao citado processo. Os acampados vigiam dia e noite a entrada e saída do acampamento, visando assegurar a segurança da terra. Nesse local residem atualmente cinquenta e seis (56) famílias, mas anteriormente chegaram ao número de duzentas (200). Algumas famílias produzem conjuntamente roças de mandioca, de milho, arroz e de feijão, e outras se dedicam a criação de aves. Além disso, alguns moradores recebem o benefício da política social “bolsa família”, que lhes permite complementar a renda familiar.

A organização política interna é formada por uma coordenação, a qual é constituída quando os acampados são divididos em grupos de quinze (15) famílias. Cada grupo é responsável por indicar uma dupla formada por um casal (um homem e uma mulher) para representá-los nessa coordenação. A coordenação é responsável pela produção, convivência e resolução de conflitos, além das saídas para as mobilizações. Há também no acampamento um grupo denominado de “militantes” que, juntamente com a coordenação, são responsáveis pelas discussões e tentativas de soluções sobre os problemas internos ocorridos no acampamento.

As casas foram construídas com material mesclado de lona e madeira. O abastecimento de água vem de um poço artesiano (tipo amazonas) e de um igarapé, localizados no interior do acampamento. Não há um sistema convencional de distribuição de água potável e nem esgoto sanitário. O local é formado por vielas que cortam as casas, de modo irregular.

Quanto à religiosidade, não há restrição em relação às crenças professadas pelos moradores do acampamento, entretanto é vedada a criação de templos de distintas religiosidades. No momento de convencimento às pessoas não acampadas, no chamado “trabalho de base”, não se questiona a fé que professam, portanto, convivem no acampamento diferentes crenças e religiões.

Em relação à questão educacional, os dados evidenciaram que há um grupo de trinta (30) crianças no acampamento, as quais estudam na Escola Municipal Alacid Nunes, pertencente ao Município de Benevides, pois não há escola no acampamento. Os relatos dos pais, registrados ao longo da pesquisa de campo, evidenciaram que há discriminações com os “sem terrinha” na escola regular, por parte das crianças não acampadas que estudam na mesma escola. Isso decorre dessas crianças serem vistas como inferiores, diferentes, sem posse, sem propriedade, sem terra. Essa discriminação, evidentemente, é fruto da ideologização proveniente da hegemonia de classe burguesa, da qual os pais são fruto, vez que a educação reproduzida na escola remete à ideologia capitalista, na qual a escola é produto do desenvolvimento da sociedade capitalista e, enquanto tal, não é apenas parte dela, é uma forma de expressão dessa sociedade, na medida em que carrega no seu interior uma forma de expressão da contradição fundamental dessa mesma sociedade. Nessa perspectiva, a educação escolar, no contexto da sociedade capitalista, por intermédio da escola, possui a função de transmissão e reprodução dos conhecimentos produzidos para a manutenção da ordem estabelecida, a ordem hegemônica.

Os “sem terrinha”, para irem à escola, dispõem de um ônibus cedido pelo município de Benevides, o qual realiza o transporte para a escola. Segundo os ativistas do referido acampamento, a escola deveria ser localizada no próprio acampamento e com professores que fizessem parte do movimento, visto que a escola não os prepara para os problemas específicos da realidade dos trabalhadores rurais sem terra, como a questão da reintegração de posse das terras ocupadas, como ocorre no próprio acampamento, o qual ainda está em processo de litígio.

Há uma proposta dos dirigentes do Movimento dos Sem Terra Nacional de criarem uma escola no próprio acampamento, pois entendem que a escola deve estar voltada para formar pessoas com conhecimento

e postura diferenciadas, direcionadas para dar continuidade às ideias do movimento. O que está em jogo é a busca e permanência da identidade social dos sem terra, inclusive cresce entre eles a presença de crianças com a identidade dos “sem terrinhas”, os quais devem receber uma orientação educacional distinta das escolas oficiais.

Por outro lado, a educação no acampamento segue dois princípios fundantes: o filosófico e o pedagógico, entendidos como formulações que são referências para o trabalho de educação no MST. O filosófico, diz respeito a visão de mundo do movimento, às concepções mais gerais em relação a pessoa humana, a sociedade, e ao que entendem que seja educação. Esse princípio remete aos objetivos mais estratégicos do trabalho educativo do MST. O princípio pedagógico se refere ao jeito de pensar e de fazer a educação, para concretizar os próprios princípios filosóficos. Esse princípio diz respeito aos elementos que são essenciais e gerais na proposta de educação do MST, incluindo especialmente a reflexão metodológica dos processos educativos, contudo, no que concerne à prática, observa-se que a partir dos mesmos princípios pedagógicos e filosóficos pode haver práticas diferenciadas.

Há um espaço denominado de Ciranda Infantil (nome que se refere à nossa cultura popular), a qual é destinada a processos educativos dentro do acampamento. Como foi decidido coletivamente, de acordo com o Caderno de Educação 12, visa a discutir sobre a importância da educação familiar e a necessidade do compartilhamento das informações referentes ao movimento, de forma adequada a cada faixa etária. Porém, no acampamento Terra Cabana, este espaço encontra-se deteriorado, acarretando a suspensão das atividades que eram realizadas com as crianças que lá habitam. Antes de ser desativado, segundo um dos ativistas, as crianças se encontravam nesse lugar e o tinham como referência de lazer, de acordo a proposta inicial da Ciranda Infantil (MST, 2004), para ser um espaço de vivência educativa, onde as crianças pudessem brincar, cantar, aprender os valores do MST de modo que a educação formal não proporciona, em especial nas escolas que ficam fora dos assentamentos e acampamentos que são moldadas à ideologia capitalista. Ao chegar ao acampamento, três crianças apresentaram esse espaço que segundo os mesmos era o lugar onde encontravam-se para brincar e se divertir. Ainda segundo moradores, era destacada a importância do espaço para que houvesse a transmissão de conhecimentos sobre o MST, os quais não é ensinado na escola que é frequentada por todas as crianças do acampamento. Neste processo de educação dita informal, os saberes que dizem respeito aos cuidados com a terra e com os animais também fazem parte da vida das crianças que convivem com uma roça, onde é plantado principalmente macaxeira e convivem com a criação de outros animais como galinhas e um cavalo.

As formas de organização que o MST assume na luta pela terra, de acordo com FIGUEIREDO e PINTO (2014), representam dois momentos distintos desta luta, trata-se do acampamento o qual corresponde a uma estratégia de luta, cuja organização pressupõe uma fase de transição para o então segundo momento, o assentamento, embora essas duas fases possuam características específicas, ambas têm em comum o objetivo de evidenciar a luta, pressionar governos e mobilizar a sociedade civil para a conquista pela terra. Neste trabalho o estudo deteu-se ao momento do acampamento e a forma como ele se organiza, com ênfase para a questão da educação.

Percebeu-se que a demanda da coordenação, militantes e acampados por uma educação formal que seja planejada a partir das experiências em relação à produção, economia, saberes relacionados ao cultivo da terra, e que por outro lado também se baseia na questão acerca do engajamento na luta pela conquista da terra, à mobilização e resistência, se movimentam em direção à construção de uma identidade social. Neste pensamento entende-se que conforme SILVA (2000) a produção social da identidade é feita a partir das diferenças, identidade e diferença são, pois, processos complementares e que, portanto, não se anulam. Assim, apreendeu-se que a sinalização de uma educação que valorize e reconheça a realidade em todas as dimensões dos sem terra no acampamento estudado, está diretamente ligada a forma como eles se reconhecem enquanto sujeitos sociais.

Além disso, a forma como os livros didáticos no campo da sociologia abordam a temática dos movimentos sociais pode ser resumida pela compreensão de que os movimentos sociais fazem parte de uma perspectiva mais abrangente, isto é, a compreensão acerca dos movimentos sociais precisam estar relacionadas à compreensão dos direitos humanos e, por conseguinte, à cidadania, tal como salienta TOMAZI (2010).

Neste sentido, é importante ressaltar que a compreensão acerca dos direitos humanos no que diz respeito à ocupação da terra, representa para os sem terra um direito que é tanto individual quanto social coletivo. Assim, a luta que por eles é articulada corresponde a essa noção de compartilhamento de experiências e novamente a construção de uma identidade.

Conclusões:

Os resultados expressaram que o acampamento Terra Cabana possui uma forma de organização cujos principais elementos observados a partir da pesquisa de campo foram a constituição da coordenação do acampamento e os seus objetivos, o modo que se realiza a produção material dos acampados, a liberdade para desenvolver sua religiosidade e o modo como os acampados compreendem a educação proveniente do sistema de ensino oficial. Pode-se apreender no que concerne ao campo da educação, o qual constituiu objetivo central desta pesquisa, que a educação enquanto um processo contextual de ensino e aprendizagem, é construída no acampamento estudado a partir de uma educação formal e informal. Formal no sentido do acesso ao conhecimento em termos mais universais que a escola municipal intermedia às crianças matriculadas nesta rede de ensino. Informal quanto à outra forma de conhecimento que faz referências aos

saberes produzidos e compartilhados no espaço do acampamento.

Deste modo, também evidenciou-se que há uma compreensão sobre a educação no acampamento em que dois são os motivos apontados para a realização de uma educação formal que seja construída a partir da realidade dos acampados, o primeiro é baseado nas experiências vividas pelas crianças dentro da escola, devido registros de situações que por meio de brincadeiras os colegas de classes das crianças sem terras os classificaram pejorativamente. A outra razão está na importância de uma educação fundamentada na experiência da realidade social vivida pelos sem terra, ao correlacionar a educação a uma realidade específica que é desconhecida pelos de fora. Logo, o projeto de uma escola no interior deste espaço corresponde sobretudo a um ensino que se caminha junto à construção de uma identidade social e a afirmação das subjetividades do movimento.

Referências bibliográficas

DA MATTA, R. **O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues**. Rio de Janeiro: Boletim do Museu Nacional, 1978.

FIGUEIREDO, G. C. e PINTO, J. M. R. Acampamento e assentamento: participação, experiência e vivência em dois momentos da luta pela terra. **Psicologia & Sociedade**, 2014. 26(3), p. 562-571.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1996.

MARTINS, J. S. **Fronteira**: a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Contexto, 2009.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Direitos Humanos**. Disponível em: <<http://www.mst.org.br/direitos-humanos>>. Acesso em: 07 fev. 2018.

_____. **Caderno de Educação no MST n.12**. Educação Infantil, movimento da vida, dança de aprender. MST, 2004

OLIVEIRA, R. C. Olhar, ouvir e escrever. In: OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SILVA, T. T. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

TOMAZI, N. Direitos, cidadania e movimentos sociais. In: TOMAZI, N. **Sociologia para o ensino médio**. São Paulo: Saraiva, 2010.